

## Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### Experiências da *adicção*: saberes e práticas sobre o consumo de substâncias psicoativas a partir de narrativas no contexto de Narcóticos Anônimos

Juliana Deprá Cuozzo

#### Introdução

O presente artigo faz parte do meu trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dessa forma, apresento alguns pontos de uma discussão mais ampla realizada sobre o contexto dos grupos de ajuda mútua e os sentidos da *recuperação* da *adicção*, esta entendida como um termo próprio definido e experienciado no âmbito dos grupos de Narcóticos Anônimos/NA.

Partindo de uma orientação antropológica, proponho compreender uma das maneiras de se lidar com uma relação, considerada por alguns como problemática, entre sujeitos e as chamadas substâncias psicoativas. Essas foram definidas enquanto tais a partir do contexto em que estão localizadas, em Narcóticos Anônimos/NA, o álcool é considerado “droga”. Trata-se das reuniões de ajuda mútua<sup>1</sup>, Narcóticos Anônimos - NA e as reuniões de familiares e amigos de *adictos* - Nar-Anon. Ambos os grupos – NA e Nar-Anon - consideram-se *Irmandades*<sup>2</sup> e utilizam-se dos termos próprios *adicção* e *adicto* para expressar essa relação. O objetivo dos seus membros é estar em *recuperação* ou buscá-la e, nesse sentido, frequentam as reuniões de ajuda mútua e seguem os preceitos da *Irmandade*.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho se assumirá o termo ajuda mútua, e não autoajuda, porque se compreende que ambas as reuniões estudadas se dão em grupos, e assim, em uma coletividade organizada, onde a ajuda mútua é a base do grupo enquanto tal, quando um ajudar o outro significa parte da sua própria *recuperação*. Porém, outros trabalhos antropológicos lidam com o termo “autoajuda” ao se referirem a grupos de Neuróticos Anônimos (TROIS, 1998), e ao “problema da dependência das drogas” (RIBEIRO, 1999). Outros trabalhos lidam com “autoajuda” e “ajuda mútua” como sinônimos (TADVALD, 2006; LOECK, 2009).

<sup>2</sup> *Irmandades* são como ambos os grupos se autodenominam, na versão completa desse trabalho, discuto o significado desse termo.

Sobre a metodologia desse trabalho, realizei uma pesquisa de campo de orientação etnográfica, frequentando reuniões *abertas* de ambos os grupos, aquelas, que de acordo com os grupos, qualquer pessoa da sociedade pode estar presente, independentemente de se reconhecer ou não como *adicto*. O acesso às reuniões, as conversas informais, aquelas que ocorreram antes do início, no intervalo e após uma reunião dos grupos e as *partilhas*, momentos de uma reunião de NA e de Nar-Anon, em que cada membro tem o tempo determinado para falar sobre os aspectos da sua *recuperação* me possibilitaram uma grande aproximação com momentos da experiência de *recuperação* desses membros, assim como dos princípios e das prescrições da *recuperação*. São os dados coletados nessas condições que conformam o conjunto deste trabalho.

### **Justificativa**

A justificativa para realização desse trabalho está na relevância desse tema para a atualidade, onde se verifica uma importante polêmica no que diz respeito ao chamado “problema das drogas” na nossa sociedade. Esse tema pode incluir as micro-dinâmicas relacionadas à multiplicidade das formas em que os sujeitos que se consideram envolvidos em relações problemáticas com substâncias psicoativas se utilizam para lidar com elas. Esse modelo e dispositivo de ajuda mútua – NA - é uma das micro-dinâmicas de atenção que se orienta por narrativas pessoais de produção de saberes e de práticas sobre o consumo de substâncias psicoativas baseadas nas experiências da *adicção* e no princípio da *recuperação*.

Trata-se, portanto, de um tema abrangente e dentro desta problemática sociológica complexa realizei um recorte bastante específico que objetiva me aproximar das concepções e significados de sujeitos que se entendem como experimentando uma relação problemática com as substâncias psicoativas e os recursos acionados por eles em direção à *recuperação* dentro de grupos de NA e de Nar-Anon.

Ressalto que não se trata de buscar os motivos que fizeram com que esses sujeitos de pesquisa se envolvessem em uma relação problemática com as chamadas substâncias psicoativas, mas sim de indagar sobre o contexto da *adicção*. Ou seja, um contexto que se baseia, sobretudo, na vontade própria do sujeito como base para uma *recuperação*. Trata-se de uma política da participação em grupos de ajuda mútua

vivenciada por narrativas que ressignificam um passado de consumo a partir de saberes e de práticas de NA.

### **1. Produção da memória da condição da *adicção***

As narrativas sobre o consumo de substâncias psicoativas ocorrem no contexto do presente, por meio das *partilhas* de cada membro em relação a um passado/ “ativa” distante ou não temporalmente. As narrativas se referem a um processo de atualização da *adicção*, ou seja, a uma construção constante de se estar em *recuperação*. Juntamente com essa atualização se produz uma memória da *adicção* que é cotidianamente lembrada, uma vez que se é membro de NA. A lembrança, que faz parte da *recuperação* do participante, encontra na *partilha* sua e de outros membros um momento ímpar de lembrar, significar e atualizar a sua experiência de *adicto*. Esta lembrança, como um processo de produção de um não esquecimento da *adicção* pode ser vista como um dos princípios da *Irmandade*. A lembrança ocorre efetivamente nas reuniões dos grupos por meio da prática da ajuda mútua, essa por si só é um dos elementos da *recuperação*. Ou seja, estão diretamente relacionadas; a *recuperação* em NA, que é a busca por estar “limpo”, e as narrativas sobre esse consumo. Já que as narrativas sobre o consumo se referem a um passado e são construídas no presente a partir de um contexto de *recuperação*.

### **2. Narrativas e seus significados sobre o consumo de substâncias psicoativas**

As narrativas do consumo de substâncias psicoativas dentro do contexto de NA não seguem uma moralidade que enumere e distinga qualitativamente as chamadas “drogas”, uma vez que não é recomendado se falar em “drogas”, tanto para não incitar o uso em relação aos membros presentes, como também, para os membros não existe hierarquia ou diferença em relação às variedades de “drogas”. As narrativas correspondem, a um sistema *adicção-recuperação*, o qual é guiado por uma moralidade que existe e se atualiza nos grupos. Dessa forma, como um processo de retroalimentação, a condição de *limpo*, neste caso, membro de NA, é o que possibilita a reconstrução de vínculos e de relações familiares e profissionais, ou seja, condição associada à *recuperação* cotidiana.

### **3. Narrativa sobre o consumo de substâncias psicoativas e o contexto do passado**

A narrativa relatada a seguir ressalta uma lembrança particular que foi compartilhada nas reuniões *abertas* dos grupos, ou seja, ela faz parte de um processo sociológico de atualização e de construção de uma memória coletiva sobre a *adicação*.

As narrativas sobre o consumo de substâncias psicoativas podem se referir a uma lembrança inicial positiva do passado na forma de uma permanente lembrança da condição “ativa”. Essa lembrança é substituída por uma lembrança negativa desse mesmo passado, e isso é narrado na forma de um sofrimento.

### **4. Sofrimento no passado: Uma lembrança inicial positiva**

Explico um dado etnográfico, localizado no presente e que se refere a um contexto da época da ativa, do passado. Um *adicto* relatou que a sua lembrança, em um primeiro momento, atrelava uma experiência com as chamadas substâncias psicoativas a alguma coisa positiva. A sua narrativa continua apresentando um questionamento sobre como ainda pode ter uma lembrança inicial positiva da sua experiência com as chamadas substâncias psicoativas, concluindo que **hoje** ele possui as lembranças verdadeiras, que são as de sofrimento de uma experiência negativa atrelada a internações, brigas e perdas.

### **5. Narrativas de experiências da *adicação***

Por fim, o contexto da *adicação* significou buscar compreender esse modo de vida, que apresenta um funcionamento, preceitos e práticas voltados para uma re-organização da vida e re-configuração de relações baseadas em princípios sociais e morais que fazem sentido para os membros. Esses se relacionam de forma particular a um modelo que se pretende como universal, os Narcóticos Anônimos.

Retomando o argumento desse artigo, as narrativas são produzidas no contexto do presente pela lógica de ajuda mútua de NA. As narrativas são experiências próprias da *recuperação* de cada membro, e produzem uma memória da *adicação* cotidiana, a qual não permite o esquecimento como princípio da *Irmandade*. Os significados sobre a *recuperação* são construídos e rememorados por essas próprias narrativas de vida.

## **Bibliografia**

CUOZZO, Juliana Deprá. **Adicção e Recuperação**: Ajuda mútua, Moralidade e a Re-Organização da Vida no Contexto de Narcóticos Anônimos. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LOECK, Jardel Fischer. **Adicção e Ajuda Mútua**: Estudo Antropológico de Grupos de Narcóticos Anônimos na cidade de Porto Alegre (RS). 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RIBEIRO, Eduardo M. **A construção social do problema da dependência de drogas**: estudo antropológico dos discursos e representações mantidos por instituições de tratamento em Porto Alegre/RS. 1999. 263f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

TADVALD, Marcelo. **Serenos, corajosos e sábios**: a plataforma terapêutica dos Alcoólicos Anônimos e seus participantes através de um olhar antropológico. 2006. 157f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

TROIS, João F. de M. **A cura pelo espelho**: uma leitura antropológica do dispositivo terapêutico dos grupos de auto-ajuda de Neuróticos Anônimos. 1998. 158f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.